

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUCCÕES

N.º 9

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

| | |
|--|----------|
| SECÇÃO DE ARCHITECTURA : | |
| Architectura monumental (Continuação) — Edificios romanos — pelo sr. J. P. N. DA SILVA | Pag. 129 |
| Periodo ogival — Architectura do XIII seculo — pelo sr. J. P. N. DA SILVA..... | » 132 |
| SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA : | |
| Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA..... | » 136 |
| Explicação da Estampa n.º 82 — pelo sr. J. DA SILVA..... | » 142 |
| Chronica..... | » 142 |
| Noticiario..... | » 143 |
| Necrologia..... | » 144 |

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Edificios romanos

(Continuação do n.º 8, pag. 117)

A Ordem de architectura mais empregada no reinado d'este soberano, foi a corinthia; porém esta Ordem havia já perdido um pouco da sua simplicidade e elegancia primitiva; não obstante, o reinado de Adriano é justamente celebre na historia da Arte, e merece o nome de *Restaurador das Bellas-Artes*.

Os artistas formados n'este reinado continuaram os seus trabalhos no pacifico governo de Antonino, que fez concluir o gigantesco amphitheatro de Capua, levantou, em memoria de sua mulher Faustina, um templo, monumento, cujas columnas são de bellas proporções, e os ornamentos de uma pureza rara de se encontrar nas construcções d'essa época; restaurou um grande numero de monumentos em Roma, na Italia, e em muitas provincias da Asia.

Marco Aurelio, considerando as bellas-artes como objectos de luxo inutil, foi pouco inclinado a protegel-as, e por este motivo cita-se apenas do reinado d'este soberano philosopho o templo dedicado a Faustina, um arco de triumpho e uma columna destinada a perpetuar a memoria das suas victorias sobre os Marcomanos.

É do tempo de Marco Aurelio que data a fundação do celebre templo do Sol em Balbek.

Com os successores dos Antoninos, a Architectura caminhou rapidamente para a sua decadencia. Levantaram-se ainda alguns edificios de extensão consideravel, porém, sobrecarregados de ornamentos de muito mau gosto: e todos os preceitos das Ordens gregas foram desprezados, ou desconhecidos. É preciso chegar ao tempo de Septimo Severo para ver outra vez as artes serem protegidas com alguma intelligencia. O monumento mais notavel que lhe deveu Roma, era o Septizenium, o seu mausoleu, que estava situado no angulo meridional do Palatino, e ornado com 7 andares de columnas; porém existe um arco de triumpho bem conservado, que foi levantado em memoria das victorias alcançadas sobre os Persas. Este arco é um testemunho do estado bastante adiantado da decadencia a que já havia chegado a architectura: um outro arco offerecido pelos negociantes, chamado dos ourives, ainda é de peor gosto que o precedente. Fez restaurar o templo de Agrippa, o portico de Octavio, o templo de Concordia e o de Jupiter Trovejador.

Possuimos poucas noticias a respeito das obras d'arte executadas no reinado de Caracalla; porém é curiosa a descripção do funeral que este sobe-

rano fez em consideração de seu pae, que nos mostra como se praticavam as cerimoniaes d'este genero na antiga Roma.

Primeiro fazia-se em cêra a imagem do defuncto, e a collocavam sobre um leito muito grande e bastante elevado, feito de marfim e ouro. Conservavam este simulacro durante sete dias; á roda d'elle estavam em pé os Senadores e as Matronas, illustres pelo seu nascimento. Alguns mancebos escolhidos na Ordem dos Cavalleiros e dos Senadores levavam o leito funereo para o Forum romano, passando pela Via Sagrada, e o depositavam sobre uma eça, á roda da qual ficavam os filhos da nobreza. Então, fazia-se o elogio do finado, e transportava-se o leito para o Campo de Marte, onde estava a fogueira pyramidal, composta de muitas Ordens reintrantes, umas sobre as outras e ornadas exteriormente de ricos pannos bordados de ouro, pinturas e figuras de marfim. Na segunda Ordem, que ficava aberta sobre cada um dos lados da fogueira, se collocava o leito funereo; depois o principe successor, tendo uma tocha acceza, punha-lhe o fogo, e todos os assistentes se apressavam para alimentar a chamma. Quando o fogo tinha chegado ao cume da pyramide, desprendia-se uma aguia, a qual se acreditava transportar ao ceu a alma do imperador. Desde este momento, o soberano finado ficava sendo venerado como igual dos deuses. Eis aqui a razão por que, nos tempos antigos e nos modernos, se fazem sempre os sarcophagos de fôrma pyramidal, truncados, para imitar a origem das fogueiras que consumiram os cadaveres; e posto que fosse esta fôrma adoptada pelo paganismo, ainda hoje é seguida pelos povos de outras crenças e de outras civilisações.

Entre algumas construcções comprehendidas no reinado de Caracalla, concluíram o Portico edificado em recordação das victorias de Septimo Severo; as Thermas, grandiosissimo e tão magnifico monumento, revestido todo de marmore, de mosaico e columnas preciosas. Para dar uma ideia do luxo que n'este edificio se tinha empregado, basta dizer que havia 1:600 cadeiras de marmore polido para se tomar n'ellas os banhos! Os baixos relevos que ornavam as salas eram de melhor estylo que as esculpturas dos arcos de Triumpho levantados em gloria de Septimo Severo.

Para empobrecer os nobres Patricios, este imperador obrigava os Senadores a edificarem á custa d'elles circos e amphitheatros em todos os logares onde elle tencionava ir, sendo depois demolidos, tão depressa se ausentava: portanto, póde-se assegurar que elle destruiu mais monumentos, de que se construíram novos por sua ordem.

Heliogabalo edificou diversos Templos em gloria do Sol, em Efeso e em Roma. Construiu Thermas

sobre o Palatino, e havia ali levantado uma alta torre toda coberta de chapas de ouro e de pedras preciosas, do cimo da qual elle esperava, em occasião opportuna, ter a coragem de se precipitar para se suicidar!

O reinado de Alexandre Severo foi muito mais favoravel para as artes: principiou por fazer reparar muitos edificios publicos, theatros, circos, amphitheatros, augmentou as Thermas de Nero; mandou collocar nos Foruns de Trajano e de Nerva as estatuas de um grande numero de homens illustres; fundou colleiros publicos e banhos em todas as cidades em que estes estabelecimentos não existiam. O pezar foi tão sentido pela morte d'este imperador que se decretou erigir se-lhe um cenotaphio; e se instituíram cerimoniaes expiatorias e festas em sua memoria.

Os successores de Julius Philippus até Galliano, não fizeram cousa alguma em favor das artes. Os Scythas e os Persas n'esta epoca devastaram as provincias da Asia e da Grecia, e arruinaram um grande numero de monumentos celebres da antiguidade. As invasões dos barbaros chamaram a attenção sobre as fortificações das cidades: então, não havia vontade de levantar novos monumentos, todavia julga-se que fôra n'este tempo que Palmyra principiou a ser aformoseada por edificios, dos quaes conserva ainda magnificas ruinas. Posto que os Templos, que se veem em Palmyra, pertençam á época da decadencia da arte monumental, são todavia superiores ás obras de architectura executadas nas outras provincias do imperio romano; o que foi devido ao gosto apurado que possuia Aureliano pelas artes liberaes.

O que avultou mais tarde foram as Thermas de Diocleciano as quaes eram muito superiores em grandeza e riqueza a todos os banhos que se haviam construido antes d'elle. Tinham espaço para 3:000 cadeiras para os banhistas: as arcadas da vasta sala, que ainda existem, são sustentadas por 8 grandes columnas de granito encarnado oriental. Os palacios de Diocleciano podiam ser comparados ás cidades completas; pois que tinha reunido hippodromos, templos, banhos, palestras e fontes; grandes avenidas ornadas de porticos, e precedidas de portaes magestosos, conduziam a uma especie de Forum collocado ao centro d'essa habitação imperial.

Constantino, ficando só senhor do imperio, principiou por dismantellar o campo das guardas pretorianas em Roma. Fez construir as Thermas sobre o monte Palatino, junto do templo do Sol. Esta construcção, como as outras do mesmo tempo, foi executada com tijollos. O senado e o povo votaram-lhe um Arco Triumphal, para celebrar a victoria sobre Maxencio. Este edificio foi construido

com os marmores tirados ao Arco de Trajano. Esta circumstancia nos permite podermos comparar o auge a que tinha chegado a escultura sob o reinado d'estes dois soberanos, e julgar o estado barbaro em que havia cahido a arte no iv seculo da nossa era. Um dos caracteres que mais distinguem as construcções d'estes tempos barbaros, é que ellas mostram que os materiaes foram tirados das antigas construcções, sendo reunidos sem gosto nem arte, nas novas edificações.

Foi por esta maneira que a arte monumental, depois de ter brilhado com grande esplendor sob a dominação de Augusto, dos Florius e Antoninos, veiu degenerando cada vez mais até ao reinado de Constantino. A affectação nos assumptos das decorações, a profusão dos ornatos, a falsa applicação das melhores regras, que produziu a invenção da Ordem Composita, apressaram a decadencia da arte. Os perfis perderam a sua pureza, as proporções foram alteradas, os principios os mais acertados, desconhecidos. Deve-se attribuir este lamentavel resultado á influencia dos povos barbaros, e a esta multidão de escravos de todas as nações que, accumuladas dentro de Roma, corrompiam o caracter nacional e embruteciam os descendentes do povo rei! As invasões estrangeiras contribuíram bastante para darem o ultimo golpe ás bellas-artes; em lugar de restaurarem os monumentos e de construir outros, pensaram unicamente em fortificar as cidades. Foi n'esta época de decadencia que o christianismo se constituiu. Impondo a sua Lei a quasi todas as nações do antigo mundo, fez nascer uma nova ordem de ideias e de cousas. A arte romana, que não era mais que uma sombra de si mesma, se regenera, como os povos idolatras se purificam pelo baptismo. Então tomou uma outra physionomia, um outro character; que pertence a uma época distincta, e caracteriza a arte monumental do christianismo.

Depois d'este resumo rapido sobre a arte monumental nas differentes épocas de Roma, passaremos a examinar com particularidade as ruinas dos monumentos d'esta celebre cidade. Temos em primeiro lugar o edificio do Pantheão, que pela sua importancia artistica, historica e archeologica merece ser conhecido e apreciado.

O Pantheão é um dos mais bellos monumentos da antiga Roma, e o mais bem conservado. Foi edificado por Agrippa depois da batalha d'Actium, e dedicado a todos os deuses. Venus estava ahi enfeitada com uma perola que valia 250 mil escudos de ouro. Este soberbo templo é precedido de um portico sustido por 16 columnas monolithas de granito da mais bella proporção, e de um trabalho perfeito: tem 10,^m 99 de alto.

O interior d'este templo está ornado de 48 co-

lumnas de marmore, e a claridade entra por uma unica abertura feita na cupula, a qual antigamente era coberta de laminas de bronze. Tiraram do Pantheão todos os seus ornamentos de bronze, e os simulacros dos deuses do paganismo, para o transformar em uma igreja para todos os santos! Esta applicação o preservou do saque geral que a maior parte dos outros templos soffreram: posto que o Pantheão perdeu os seus bronzes, os marmores, o porphyro e o alabastro, todavia conservou a sua inimitavel cupula, o seu gracioso peristylo e as esbeltas columnas. O plano do Pantheão é ao mesmo tempo simples e grandioso; de forma perfeitamente circular, tem 45^m56 de diametro, sendo a altura igual á sua largura.

A cupula está interiormente dividida por espaços symetricos e eguaes, feitos com muita arte e gosto; tem todos os ornamentos vazados de maneira que, sem tirar nada á sua solidez, está alliviada pelo menos dos $\frac{3}{5}$ do peso que teria de sustentar se ficasse lisa a parte espherica da cupula. Todo o edificio é da Ordem Corinthia, e, posto que hoje esteja esbulhado dos seus mais ricos ornamentos, tem ainda uma apparencia de magestade e grandeza que produz maior admiração: é reputado um dos mais bellos monumentos da arte monumental romana. Este templo, que reunia um sem numero de estatuas da maior belleza, ficou fechado até a era de 608; época em que o imperador Phocas fez presente d'elle ao Papa Bonifacio iv: este pontifice foi o primeiro que o consagrou ao culto christão. O celebre Raphael tem n'este templo o seu tumulo, o qual é de proporções mesquinhas; porém o epitaphio é sublime e digno da memoria de tão insigne artista.

O Forum romano está presentemente na sua magestosa desolação! No bello tempo da republica, era ali que se reunia o povo, no centro de um duplo renque de Templos e de estatuas, entre os arcos de Triumpho que appareciam em todas as partes em gloria dos descendentes de Roma, que vinham n'este glorioso recinto decidir do destino dos povos e dos reis. Este lugar antigamente o mais illustre do universo, famoso pelas suas grandes recordações, é hoje destinado a mercado de bois!

N'estas ruinas monumentaes do Forum, a eloquente palavra dos oradores romanos tem sido substituida pelos mugidos dos animaes!

Roma antiga dava o nome de Forum ás praças, e muitas vezes aos seus mercados; d'aqui provém a sua divisão em duas classes. Os *Fora civilia* eram considerados como aformoseamento da cidade; e de alguma maneira como tribunal de Justiça; os outros, chamados *Fora venalia*, eram propriamente os mercados publicos. O primeiro d'esta classe pertencia ao Forum romano, o centro d'elle era

occupado pelos *Rostres*, ou tribuna para os discursos oratorios, até que Cesar a fez transferir para o angulo da praça. Esta tribuna, celebre por ter sido occupada por tantas vozes eloquentes, se chamava *Rostra*, porque a base estava ornada exteriormente pelas proas dos navios conquistados aos carthaginezes. Tinha sido construida sobre o poço que escondia a navalha e a pedra de amolar de Navius. Nunca, talvez a razão e a verdade triumpharam com mais evidencia, que n'este sitio, mesmo onde a superstição reverenciava o absurdo embuste.

Cesar fez transportar os *Rostres* para os collocar em um canto da Praça, d'onde o orador não podesse avistar o palacio do Senado no Capitolio. O mesmo havia praticado Lysandro em Athenas, dispondo a tribuna de maneira que o orador voltasse as costas para o mar. Vãs precauções! Thrasibulo entrou pelo Pireu, e Cesar expirou traspasado pelos punhaes dos senadores.

As duas columnas corinthias com a cornija e o friso são os unicos vestigios do famoso templo de Jupiter Trovejador, esse magnifico monumento levantado por Augusto, em memoria de ter escapado de ser ferido pelo raio, que havia cahido de noite, proximo da sua liteira durante a guerra na Hespanha, e que matou o escravo portador do facho que o allumiava n'essa tenebrosa occasião. Estas columnas de marmore de Luni foram primitivamente pintadas de encarnado, como outras encontradas nas ruinas de Pompeia: no friso vêem-se instrumentos de sacrificios em relevo.

O portico composto de 6 columnas Jonicas, das quaes as bases e os capiteis são de marmore branco, e os fustes de granito do Egypto, fazia parte do Templo da Fortuna; tem vestigios de que este edificio fôra restaurado com materiaes tirados de outros monumentos mais antigos; não obstante, os fragmentos que existem, são de bom gosto. Julga-se que este Templo foi construido no reinado do imperador Maxene e dedicado na época de Constan-tino.

A fundação do Templo da Concordia, que ficava proximo ao da Fortuna, teve logar pela occasião da reconciliação entre o Senado e o povo. Cicero havia reunido n'este templo o Senado, na occasião da conjuração de Catilina. No governo de Vitellius foi queimado, e reconstruido por Vespasiano; e incendiado de novo na idade-media; hoje é um montão de ruinas, que tem interesse unicamente pelas suas recordações e pelas inscripções encontradas recentemente nos seus fragmentos.

A columna corinthia que avulta no Forum foi dedicada ao imperador grego Phocas pelo Exarcha Smaragde, antigos commandantes dos imperadores gregos na Italia, que elle erigiu áquelle tyranno cruel, pusillanime e rapinador; como monumento

historico pouco interessa; não nos pôde inspirar nenhuma lembrança nobre, sendo esta columna dedicada a um tyranno pelo servilismo de um adulator, e principalmente estando junto do nobre theatro da liberdade romana: provavelmente foi tirada esta columna de um outro edificio, para este fim, conforme o uso dos antigos romanos, de levantar columnas commemorativas aos grandes varões, uso n'aquella occasião imitado; porém, ficou aviltado pela adulação. Todos os monumentos d'esta ordem existentes do tempo antigo em Roma, a Santa Sé os tem aproveitado e conservado, fazendo collocar sobre elles imagens de santos, porém, n'este deixou ficar o seu pedestal ermo, como um anathema á memoria do reprobos que a havia occupado, sem merecer nenhuma veneração publica.

J. P. N. DA SILVA.

PERIODO OGIVAL

ARCHITECTURA DO XIII SEculo

A época mais notavel da idade média foi o XIII seculo. A auctoridade de Summo Pontifice, o poder sacerdotal, tão poderosos no seculo precedente, vem a desaparecer no XIV. O christianismo então secularisava-se; o amor e a caridade que ensinava, manifestaram-se no espirito d'associação, fóra do clero. Esta foi a causa por que no XIII seculo se ergueram as magestosas egrejas de N. S. de Reims, Amiens, Ruão, Paris, Strasbourg, Florença, as de Colonia, na Allemanha, Salisbury, na Grã-Bretanha, Burgos, na Hespanha, e Batalha, em Portugal.

O entusiasmo cavalheiresco, estimulado por um poderoso sentimento e atrahido pelo culto do amor e pelas poesias que elle inspirava, tinha chegado ao seu maior auge. As nobres classes do sudoeste da Europa foram accommettidas d'uma disposição de espirito, que as levou a uma acção commum, que não tinha nenhuma relação com a politica e o governo temporal. As occupações predilectas d'esse seculo consistiam em emprezas guerreiras, em cruzadas brilhantes no Oriente e no Occidente; essas emprezas offereciam grandes difficuldades pelos arriscados perigos de todo o genero, a que davam logar; porém, na realidade, esses sacrificios não obtiveram nenhum resultado proveitoso para o estado social, salvo o de se ter descoberto uma parte antiga do mundo e de se ter feito conhecer no Occidente. Todavia o entusiasmo que conduzira os cavalleiros francos em tão extraordinario numero, desde o final do XI seculo, ao Oriente, com o unico fim de conquistar o Santo Sepulchro, desvaneceu-se insensivelmente no XIII seculo, porque a necessi-

dade de ir buscar novas empresas que haviam seduzido tanto os habitantes occidentaes para irem até a Asia, já não exaltava tanto os animos; os braços dos homens principiavam a ser utilizados de uma maneira muito mais rasoavel e util.

A protecção relativa que o sacerdocio havia concedido á multidão ignorante, durante o tempo em que ella não tinha ainda a consciencia dos seus direitos e da sua força, e estava submettida aos máus tratamentos da pobreza, teve de cessar por si mesma, desde o principio do XIII seculo; o clero havia perdido a sua liberdade, tendo-a submettido ao serviço e á vontade autocrata do seu chefe espirital, cujas decisões, desde o XII seculo, muitas vezes foram substituidas ás que emanavam dos concilios; os chefes superiores ecclesiasticos julgavam d'uma maneira inteiramente arbitraria as cousas que procediam da intelligencia e dos sentimentos, opprimindo as consciencias; além d'isso, esses chefes no XII seculo empregaram meios severos e muitas vezes crueis, para reprimir o pensamento livre religioso em França, na Allemanha e na Italia. Portanto, no XIII seculo, época tão eminentemente revolucionaria, o imperio moral da Igreja principiou a declinar.

Para aquelles que o Papa Innocencio III não podia nem consentir, nem tampouco conservar no seio da igreja, para estes inventou uma policia secreta sacerdotal, uma nova lei ecclesiastica dos — *suspeitos* — e para coroar esse pensamento *tão sublime*, estabeleceu o mais terrivel de todos os tribunaes criminaes conhecidos no mundo — a *nefanda inquisição*. — A religião christã, dos tres primeiros seculos, docil, humilde e pacifica, tinha-se transformado em violencias moraes e materiaes. O pensamento do arianismo trazido pelos emigrados vindos pelo nordeste á Europa, tinha despertado as perseguições; mas a imaginação caminhava a par do entendimento: por este modo unidos, mofavam de qualquer poder terrestre. Quando o sentimento da verdade e do direito penetra na alma humana, ella despreza qualquer aggressão imaginavel. As ideias novas sobre as cousas religiosas e ecclesiasticas propagaram-se no principio do XIII seculo entre as elevadas e as inferiores classes da sociedade, e essas ideias foram proclamadas com um poderoso arrojo.

O momento de abater esse orgulho obstinado e arrogante havia chegado. Por outra parte, o poder politico e civil cada vez se tornava mais preponderante.

No dominio da sciencia, grandes esforços são igualmente tentados. O espirito das raças occidentaes, surprehendendo as leis que regem a harmonia do mundo, satisfeito das relações de medida e de proporção que principiava a conhecer na natureza,

afasta-se cada vez mais das ideias da gente semitica, d'essas ideias sobrenaturaes que a sciencia veio destruir.

No XIII seculo, as ideias são revolucionarias, e ao mesmo tempo audaciosas e innovadoras; a architectura patenteou a sua temeridade n'essas elevadas abobadas, n'essas altas e delgadas paredes, flanqueadas de delicadas columnasinhas que parecem não ter fim, e que testemunham, mesmo no recinto das igrejas, a ideia de independencia do homem, tal como se comprehendia n'essa época. Mas, sem ter ainda o apoio tradicional, sem haver um typo fixo, estar sempre preso ao serviço sacerdotal; para se obter essa independencia arrojada, carecia de bases mais solidas. Mostra ainda hesitação, é desmedida a sua acção, e mesmo irregular, phantastica, indecisa na sua expressão; a architectura ogival vae além da lei natural de proporções e de medida. Manifesta com independencia intellectual o sentimento religioso da sua época, com as suas sobreexcitações em todo o genero, principalmente mysticas e symbolicas. Conserva não obstante para o diagramma ou esqueleto da sua concepção, para o trabalho de operações abstractas, algumas leis naturaes que o estudo acabava de descobrir; porém, o architecto do XIII seculo exaggera sobre tudo as disposições das alturas, e em geral as dimensões de suas obras; sobrecarregando-as além d'isso d'uma ornamentação geometrica de linhas curvas e rectas, inorganica na sua essencia, vivificada pelas folhas, pelas flôres e pelos fructos imitados da vegetação indigena. Todo este conjuncto formava o caracter religioso do edificio. Para conservar as esperanças e os elementos que constituem o vago do pensamento religioso, que vacillava n'essa época, o architecto dispunha na parte interna da sua obra, d'uma tal obscuridade, que apenas alterava alguns raios de luz polychroma, penetrando pelos vidros coloridos das frestas ou espelhos. Essas trevas mysteriosas occultavam a devida e normal deducção das fórmas primarias; e portanto o constrangimento da imaginação indeterminada encobria ainda a obra nacional do artista, e dava esse sombrio caracter de religiosidade melancholica que está tão assignalada sobre os monumentos desde o começo do XIII seculo.

A architectura ogival apresenta essencialmente, vista sobre outro ponto, o mesmo caracter cavalleiresco da época que a viu nascer, sendo temerarios como foram os proprios cavalleiros d'então, e patenteando essa poesia, com que cantavam as suas proezas.

A arte foi até ao XII seculo o dominio exclusivo do clero e dos frades. Mas, desde que as cidades se emanciparam e os municipios principiaram a organizar-se, os padres se secularisaram e os frades se relaxaram da regra da sua Ordem.

Um grande numero de operarios para essas obras se tinha formado entre os irmãos conversos dos mosteiros. Com o andar dos tempos, esses operarios ficaram independentes. Fóra das edificações das igrejas, um grande numero de outras construcções d'um genero desconhecido antes, se erguem; os padres e os frades não eram já sufficientes para esses trabalhos; além d'isso, não estavam no caso de resolver os novos problemas que fazia apparecer a nova architectura d'essa época. Os constructores seculares habilitados anteriormente entre os frades leigos dos conventos, puderam emancipar-se e trabalharam sem se submeter aos seus mestres, vindo a ser mesmo superiores no exercicio da sua arte.

As difficuldades e as condições imperiosas que impunha a technica das novas construcções, embaraçavam sobre maneira os artistas ecclesiasticos, e os forçou muitas vezes a desistirem em frente das difficuldades que ellas lhes causavam. A sciencia que possuíam as pessoas empregadas no culto, não estava em relação com as necessarias exigencias da época; e por esta razão, na proximidade do fim do xii seculo, se formavam habeis architectos, canteiros e alveneis com os conhecimentos necessarios, os quaes se reuniram em uma corporação especial, quando o seu numero veio a ser consideravel, conforme já explicámos.

Não obstante não haver provas escriptas, documentos historicos, é verosimil que as corporações dos constructores seculares existiam na Allemanha desde o xiii seculo. O imperador Rodolpho outorgou em 1275 uma constituição particular aos constructores estabelecidos em Strasbourg; e em 1278 o Papa Nicolau iii lhes concedeu um Breve d'indulgencia, renovado pelos seus successores, sendo o ultimo pelo Santo Padre Bonifacio xii. Porém, o pensamento d'uma reunião de todos os constructores da Allemanha só se realisou em 1459: para esse fim teve lugar uma assembléa geral em Ratisbonna. Outras assembléas semelhantes se fizeram em Spira em 1464 e em 1467, e finalmente em 1498, havendo o imperador Maximiliano rectificado em Strasbourg os estatutos das lojas maçonicas allemãs.

O desenvolvimento dos estudos archeologicos tem comprovado que o estylo ogival, vulgarmente chamado gothico, teve a sua origem em França. Além d'isso, é positivo ser o mais antigo exemplo do emprego da ogiva, o da capella-mór da cathedral de S. Diniz, monumento proximo de Paris. Sabe-se que essas construcções foram empreendidas de 1137 a 1144. Todavia, o estylo ogival não se formou na imaginação de um unico artista, foi obra progressiva, lenta, dependeu de faculdades collectivas que sazouaram essa concepção pouco a pouco, modificando-a e completando-a.

No xiii seculo a architectura da idade media che-

gou ao seu apogéo. Mostrando na materia, que a preparava com ousadia, parece fazer subir para o céu o pensamento do artista. Simplicidade e elegancia no plano, elevação nas proporções perpendiculares das fachadas, acerto na escolha dos objectos da ornamentação, e sufficiente sciencia na combinação dos efeitos produzidos pela sombra e pela luz; tudo isto se acha relativamente nos monumentos ogivais do xiii seculo. Os edificios d'esta época reúnem em si todas as artes liberaes; a esculptura e a pintura veem como auxiliares á architectura, e quando estas tres artes conseguiram concluir os preceitos technicos da sua arte, o resultado surpreendeu a multidão, e os fieis, pela vista das elevadas abobadas azuladas e cravejadas de estrelas d'ouro, rodeados de imagens resplandescentes pelas vistosas côres das vidraças, entoavam canticos, os quaes, sendo acompanhados pelos sons vigorosos do órgão, transportavam o pensamento a essas regiões celestes, onde a paz e a alegria faz a felicidade eterna dos bemaventurados: e portanto para se alcançar esse grandioso effeito, todas as artes rivalisavam, concorrendo com as suas obras portentosas para esse maravilhoso concerto celeste.

No xiii seculo, a architectura é soberana da fórma; a geometria domina n'ella. A sua existencia não é devida ao concurso da esculptura, a qual em outras épocas (como aconteceu no xv e xvi seculos), veio a ser o elemento dominante. N'este periodo a architectura é ao mesmo tempo severa e magestosa nos monumentos religiosos, caprichosa nos palacios e nos paços municipaes. A esculptura apparece aqui, sómente como superfluidade, como uma cousa accessoria. Apenas se vê nos capiteis e nas cornijas horisontaes, divididas por linhas verticaes; nas curvas profundas das arcadas, nas archivoltas que molduram as aberturas. Esta applicação moderada da esculptura nos monumentos do xiii seculo, é que a faz agradável pela sua harmonia bem calculada, conforme regras bem deduzidas, ás quaes, quando vieram a ser desprezadas, causaram a decadencia da architectura da idade media. Comparando o todo com os detalhes, em muitos monumentos da mesma época entre si, nota-se uma lei, que rege os principios invariaveis que haviam presidido á sua concepção geral e á distribuição das suas diversas partes.

No xiii seculo a linha recta e o circulo contribuem de uma maneira singular para compôr as combinações de figuras geometricas empregadas na composição dos rosaes, das frestas e em geral em toda a parte onde se applica a ornamentação mathematica, isto é, aquella na qual não entram na sua configuração, nem as plantas nem os animaes. A metade do angulo recto, abertura de 45°, é empregada de preferencia para os rasgamentos das

portas e das frestas, bem como para formar o contorno das molduras e dos ornamentos. Os numeros impares dominam em todas as partes as suas divisões.

Emquanto ás suas condições exteriores, o estylo da architectura ogival liga-se estreitamente ao estylo de volta inteira, imitado da basilica abobadada, tal qual se tinha desenvolvido durante os outros seculos. O plano das igrejas, nas suas principaes partes, fica sendo o mesmo que se praticava precedentemente. A capella-mór é collocada ao Oriente, e fica separada da nave por um ou mais cruzeiros: duas torres, encimadas de agulhas pyramidadas, se erguem quasi sempre sobre o lado Occidental do monumento, e fórman com o portal, a fachada principal, aquella que o architecto tomou mais a peito de ornar. A nave central eleva-se a uma altura assás consideravel acima das naves lateraes, e estas são collocadas ao Norte e ao Sul; a disposição interna fica subordinada ao emprego das abobadas de barrete e ás suas fórmas diversas. Porém, o sentimento de uniformidade em todas as partes do seu conjuncto se manifesta mais visivelmente que na architectura da volta inteira: a disposição que revela é mais vivaz e mais patente do que se mostrava nos monumentos anteriores. A direcção vertical, que se nota em todas as combinações, desenvolve-se d'uma maneira maravilhosa. Um genero particular e essencialmente novo de preparar a materia, um principio até então ignorado da fórma, tanto para o conjuncto como para os detalhes, que se afastam inteiramente d'aquillo que havia precedido, foram as consequencias d'esta mudança na maneira de arrostar e de tratar a apparencia material da nova arte.

A capella-mór não ficava tambem mais separada das outras partes do monumento. Já não era como na antiga basilica Latina, collocada em um lugar separado e á parte; fazendo até mesmo que ficasse quasi no mesmo nivel com o resto do solo do monumento; motivado isto, sem duvida, por se ter supprimido as criptas, ou igrejas subterraneas, as quaes não podiam dar-lhes applicação n'essa época. A capella-mór rodeada de um gallileo, se estende além da intersecção dos cruzeiros com a nave principal. Prolongando-se algumas vezes na extensão Occidental da igreja, então é rodeada d'uma elegante decoração architectonica de cantaria ou madeira ornada de esculpturas. O espaço Occidental na parte interna, por baixo das torres, forma um vestibulo de portico em relação com o systema adoptado no interior do edificio.

Este systema consiste principalmente em fazer desaparecer inteiramente o aspecto massico e tosco das paredes, não obstante o desenvolvimento da configuração das abobadas e a tendencia a apre-

sentar ficar suspenso nos arés o todo com os seus detalhes. Por esta razão, não se vê nos monumentos d'este estylo senão sómente pontos de apoio, cujas dimensões ficam dissimuladas por divisões verticaes e pelas abobadas de grande leveza que parecem estar apenas assentes sobre as suas bases. É pois por estas particularidades que a architectura ogival se distingue essencialmente da architectura de volta inteira, na qual a espessura das paredes compõe a principal parte do monumento, e cujos pilares e columnas estão mais ou menos envoltas. Muitas vezes os apoios decorativos não parecem ser senão o resultado do acaso e do capricho. Na architectura de ogiva, pelo contrario, as paredes não são uma necessidade para reunir entre si os pilares, pois elles não formam mais do que uma ligação delgada entre estes ullimos, e a sua apparencia é por assim dizer um excesso de superfluidade. As propriedades characteristics produzidas por este principio novo na concepção da fórma, consiste em que os pilares e as columnas envoltas se erguem independentes e com temeridade em excessiva altura; a sua disposição se prolonga e se continua nas linhas da abobada que as limitam. A subdivisão das abobadas *anima* a sua uniformidade, servindo-me d'esta comparação; do mesmo modo que a abobada de barrete havia feito no estylo de volta inteira, multiplica-se ainda e produz em um gráu superior o mesmo effeito, pela introdução dos arcos duplos, que servem para indicar transversalmente as partes principaes da abobada, como as dos arcos ou ogivas *encruzadas* que vem cortar a abobada em diagonaes, dividindo-a em partes de menor importancia. Este systema de apresentar muitos artezões, fórma a estrutura da aresta da abobada, e os intervallos que deixam vãos, são cheios de peças de diversas fórmas, ora quadradas, ora triangulares. A abobada, posto que dividida, não se apresenta como se fosse uma peça inteira, não é mais que uma reunião de artezões delicados, cuja aggregação forma um todo completo. N'esses artezões estende-se o lançamento e a disposição vertical dos pilares; o peso das abobadas não parece descançar senão sobre certos pontos onde ellas tomam verdadeiramente nascimento, tendo a apparencia de recahir unicamente sobre os pilares. Portanto, o volume das abobadas parece decompôr-se e as grossas paredes com apparencia solida ficam inuteis para sustentar sobre os lados lateraes e exteriores de edificio o peso d'essas mesmas abobadas; os encontros não apresentam igualmente nas suas fórmas senão singelos pilares chamados *contra-fortes*, que compõem os pontos de resistencia das paredes. Esses pilares penetram até á parte interna do edificio, onde ficam perfilados de diversas maneiras, e servem ali de ponto de apoio aos arcos duplos da

abobada, enquanto que na parte externa apresentam um caracter de fortaleza e de solidez que assegura a perfeita estabilidade das paredes. Conforme este systema de *contra-fortes*, as paredes divisorias ou de circuito são quasi inuteis, não servem senão para se lhe abrir as janellas muito elevadas e largas. O espaço em roda d'essas janellas fica occupado por uma obra de alvenaria de pouca importancia. Por estas disposições das partes cheias, o peso e a dimensão vertical desaparecem ao mesmo tempo, as leis do lançamento perpendicular imperam livremente e d'uma maneira poderosa. Com

este principio deram a forma das abobadas; pois o uso da volta inteira, sendo uma curva immovel e limitada, seria uma contradicção; n'esta conjectura adoptaram a ogiva com a sua curva temeraria e ascendente, havendo sido já empregada antes sob diferentes formas, e de diversas maneiras, cuja imitação não serviu de nenhum modo para crear as regras d'arte, mas tão sómente para o desenvolvimento do estylo do XIII seculo.

(Continúa.)

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 8)

Narthex, fachadas e portaes das basilicas. O narthex interior occupava o fundo do atrio, e era formado pelo portico contiguo á fachada principal da basilica. Communicava pelos extremos com as galerias que rodeavam o atrio; como se observa na igreja de Villarinho de S. Romão, na provincia do Douro.

Nas basilicas Latinas, quando a configuração do terreno não permittia estabelecer o atrio e o narthex, substituiam algumas vezes estes por galerias altas collocadas no interior do edificio ao longo da nave.

Os portaes das basilicas eram construidos segundo o modelo dos portaes ricos do estylo classico.

As portas dos portaes das basilicas eram de bronze ou de madeira. Algumas das portas de bronze, das primeiras basilicas, provieram de monumentos pagãos. No seculo IX, a igreja de Santa Maria Maior, em Roma, tinha portas de prata.

Janellas e vidraças. As janellas das basilicas eram rasgadas d'alto a baixo, e de volta inteira.

Serviam de vidraças a estas janellas grandes laminas de marmore ou de pedra, atravessadas de buracos para por elles penetrar a luz no interior dos edificios.

Mais tarde, estas laminas foram vasadas de maneira que offereciam á vista os mais complicados desenhos.

Na Europa Occidental e Septentrional, em que as laminas de pedra e de marmore escassejavam, guarneciam as janellas com caixilhos de madeira.

As clara-boias muitas vezes não tinham cobertura, principalmente nos paizes meridionaes; e n'outros eram vedadas com laminas de pedras translucidas ou de placas d'alabastro.

Desde o seculo VII que começou a haver vidraças com vidros brancos e esverdeados, e até mesmo com vidros de diferentes côres. Não appareciam ainda figuras, nem ornatos alguns, pintados sobre os vidros; as vidraças com vidros de côr eram formadas por um grande numero de vidros coloridos, cortados de diferentes modos e que se reuniam de certa maneira, a fim do conjuncto representar figuras de fórmulas regulares.

Desde o reinado de Constantino, os grandes edificios apenas se cobriam com madeira.

A maior parte d'esta construcção ficava visivel no interior dos edificios. Em alguns, as naves tinham tectos de madeira com pinturas diversas, representando caixões ricamente adornados e dourados.

Raras eram as basilicas que desde a sua fundação tinham possuido torres. Os campanarios que hoje se vêem proximo das antigas igrejas de Roma, são quasi todos posteriores ao seculo VIII. As torres do *periodo Latino* são na maior parte de forma circular ou octogonal.

Nas grandes basilicas as abobadas esphericas do abside e o Arco Triumphal, e algumas vezes tambem as paredes comprehendidas entre as janellas altas da nave e das arcadas que ligam as columnas, ficavam revestidas com vistosos mosaicos.

Os materiaes mais ordinariamente empregados n'este genero de trabalho, eram folhas de marmore e pedaços de vidro.

Em muitas basilicas de Roma, o abside abobado em forma de esphera tem ao centro a imagem de Jesus Christo em pé ou sentado, com o braço direito erguido, ou lançando a benção, e com um rolo de papel ou um livro collocado á sua esquerda. Aos lados do Salvador estão representados os Apostolos, ou outros Santos. O sólo que pisam

é o da Judeia, o que se conhece pela representação do rio Jordão, cujo nome é muitas vezes inscripto debaixo dos pés de Jesus Christo, e pela presença das palmeiras, que foram, desde o primeiro seculo da era christã, o symbolo da Terra promettida. Logo abaixo do abside se estende, em toda a largura, uma zona estreita, no centro da qual se vê o Cordeiro Divino coroado com ou sem a Cruz, collocado sobre um outeiro d'onde brotam os quatro rios do Paraiso: Geham, Phison, o Tigre e o Euphrates, symbolos dos Evangelistas. Doze cordeirinhos, seis de cada lado, se dirigem para o cordeiro symbolico, e parecem sahir das cidades Santas de Jerusalem e Bethlem, que occupam os extremos da composição, e se acham representadas por varias portas e muralhas com ameias. Estes cordeirinhos symbolisam os fieis.

Alguns mosaicos representam o sonho de S. João, isto é, os quatro animaes, symbolos dos Evangelistas; e os vinte e quatro velhos, vestidos de mantos brancos, offerecendo coroas ao Cordeiro.

Para piso das basilicas, os primitivos christãos serviam-se dos differentes processos de empedramento, como os romanos usavam. Mais tarde, estes processos foram substituidos por um trabalho de novo genero, chamado *opus alexandrinum*, assim designado por ter sido usado primeiramente na Alexandria. Estes empedramentos consistiam em um conjunto de variados marmores em que predominavam os porphyros verdes e vermelhos; pareciam como um rico tapete estendido no sólo.

O empedramento *alexandrino* foi muito pouco empregado na Europa Occidental e Septentrional.

Havia tambem empedramentos em que sobressahia a prata e outros metaes preciosos.

Parte do piso do Sanctuario da basilica do Vaticano é de palhetas de prata; mas o da capella de S. Pedro, da mesma basilica, é de palhetas de ouro.

Nas catacumbas era mesmo sobre os tumulos dos martyres que se celebravam os Santos Mystérios; porém, a começar do seculo III, este uso foi approvedo tambem pela Igreja.

No Occidente, o altar era quasi sempre erigido sobre o tumulo d'um martyr. Os restos mortaes do Santo collocavam-se immediatamente debaixo do altar n'um sarcophago, e ainda, na maior parte dos casos, ficavam depositados n'uma crypta collocada debaixo do Sanctuario. Tanto na Grecia como no Oriente, nunca em tempo algum, e até mesmo em nossos dias, se fez d'um tumulo um altar, mas sim d'uma mesa, que recordava aquella sobre a qual o Salvador instituiu a Eucharistia. Um altar *nunca* encerrava *reliquias*. Desde o tempo de Constantino, que data a maior parte dos altares das igrejas do Occidente. No principio do seculo VI

(517) o concilio da Épona prescreveu, que todos os altares fossem de pedra, os quaes foram adoptados pela razão symbolica de ser considerado o Salvador a pedra angular.

Os altares de pedra d'essa época eram sempre formados por uma especie de prateleira quadrada ou rectangular, para constituir a mesa do altar propriamente dito. Esta mesa, muitas vezes, cobre um sarcophago ou um tumulo de madeira; outras é sustentada por um pé central em fórma de cippo, e ainda outras posta em quatro, cinco e mesmo até seis columnellos.

Havia altares formados de tres lages, das quaes duas se collocavam verticalmente, servindo de suporte á terceira, collocada horizontalmente a fim de formar a mesa do altar. Encontram-se tambem altares formados de cinco placas, tendo, pelo seu conjuncto, a fórma de um cofre de pedra.

A Auréola era formada de folhagens e sustentada por quatro anjos; Nosso Senhor Jesus Christo fica collocado entre dois Cherubins, que facilmente se reconhecem pelas suas asas abertas. Uma mão figurada no remate superior da Auréola, é para indicar a presença de Deus. É tambem adornada de flores, para indicar que o assumpto se passa no céu.

As esculpturas mostram que esta arte estava muito decahida no seculo VIII. Essas figuras com posições grotescas e forçadas, teem todas o rosto de frente, e os membros desproporcionados, sendo tudo d'uma imperfeição tal, que é difficil imaginar-se nada mais grosseiro e rude.

A inscripção, muito mal escripta, e n'uma linguagem quasi inintelligivel, não é mais esmerada do que as esculpturas.

Quando as faces dos altares das basilicas das grandes igrejas não tinham esculpturas, eram então revestidas de laminas d'ouro e de prata com engastes de pedras preciosas, ficando cobertas de colchas bordadas, representando algumas vezes assumptos sagrados.

Desde o seculo IV até meado do XII, que as mesas dos altares eram, muitas d'ellas, escavadas em fórma de bandeja em toda a extensão do plano superior, tendo um rebórdo de alguns centímetros d'altura; ás vezes tinham ornatos esculpidos. Muitas mesas eram furadas nos angulos, com um ou muitos buracos, cuja serventia ainda não foi possivel descobrir. O altar era encimado por um *ciborium*, especie de docel ou baldaquino, sustentado por quatro columnas de madeira, ou de marmore e de metal.

Entre as columnas do ciborium havia umas cortinas ou reposteiros de corrediça, que se corriam para occultar o officiante e o altar durante a consagração.

O ciborium, que data do século XII, tem uma forma um tanto diferente da que foi posta em uso durante o período Latino.

As cortinas dos antigos cibórios eram em geral de preciosísimos damascos de seda e ouro, ou com ricos labores guarnecidos de perolas, pedrarias e mesmo laminas d'ouro e de prata.

Primitivamente, cada igreja apenas tinha um altar. Comtudo mais tarde houve igrejas no occidente que tinham muitos.

Os gregos e os orientaes nunca tiveram senão um altar nas suas igrejas.

Os *altares portateis* antigos compunham-se, bem como os mais recentes, d'uma prancha rectangular de madeira, de pedra ou de metal, algumas vezes munida de uma moldura de ouro ou de prata, e tendo no extremo um appendice para servir de punho. Não se acharam altares portateis do período Latino, não obstante parecer indubitavel que deveriam ser *communis* n'aquelle período.

Uma tribuna, collocada no meio da nave principal das basilicas, era destinada á leitura dos Santos Evangelhos e aos sermões. Algumas igrejas possuíam tres: uma para o Evangelho, outra para a Epistola e outra para as prophcias.

A tribuna do Evangelho tinha regularmente duas escadas. Perto d'ella havia um enorme candelabro que servia para supportar uma grande tocha chamada *o facho do Evangelho*.

Nas basilicas christãs, o sanctuario e o côro eram separados da nave por uma divisão, umas vezes occultando o recinto, e outras ficando rendilhado, á altura de metro e meio a dois metros acima do chão. Esta divisão, chamada *cancello*, era muitas vezes de marmore.

A cadeira episcopal ou *cathedra* occupava o fundo do abside. Era de pedra de marmore precioso, e elevada tres degraus, pelo menos, acima do presbyterio.

Havia tambem cadeiras de marfim.

Aos lados da cadeira episcopal, e ao longo da parede do hemiciclo, achavam-se os bancos destinados aos padres, chamados algumas vezes *exedrae*, pelos auctores antigos. Eram muito simples, e durante o officio cobriam-se com almofadas.

A partir do meiado do IV século caíu a pouco e pouco em desuso o enterramento nas catacumbas; e no principio do século seguinte, desapareceu completamente. Os cemiterios estabeleciam-se á roda da capella-mór das igrejas e das basilicas, situadas fóra dos muros das cidades, com os seus tumulos quasi sempre orientados.

N'estes cemiterios depositavam-se a maior parte das vezes os cadaveres em covas de pedra e cal. Entre duas paredes paralelas e distantes entre si

70 centímetros, pouco mais ou menos, abriam-se, por meio de lages ou simples tijolos, nichos de tamanho sufficiente para receber um cadaver. Estes nichos chegavam ás vezes a disporem-se em dez ordens, umas sobre as outras. Este systema foi o adoptado para as sepulturas dos cemiterios do IV, V e VI séculos.

Algumas vezes tambem os cadaveres eram encerrados em sarcophagos, que em seguida se cobriam com terra, ou se collocavam tanto ao ar livre como debaixo de abobadas, no interior das igrejas e das basilicas.

Foi sómente no VII século que a Igreja começou a permittir, ou antes a tolerar, as inhumações, não precisamente no interior, mas em redor dos templos situados dentro das cidades. Unicamente os bispos haviam até ali gosado do privilegio de serem enterrados nas suas igrejas Cathedraes.

Durante o período Latino foram muito raros os edificios isolados que se construíram para servir de sepultura aos grandes personagens.

As esculpturas dos sarcophagos começaram a modificarem-se no meiado do V século. Os assumptos biblicos desaparecem a pouco e pouco, e são substituídos por imagens de Santos. A Cruz da SS. Trindade ou o monogramma de Christo occupa, muitas vezes, o centro da face principal dos sarcophagos, destinada antes para o logar do Salvador, tendo aos lados pombas, pavões, palmeiras, parras e outros symbolos.

As tampas são ornadas de Cruzes da SS. Trindade, formadas pelo entrelaçamento de Cruzes gregas e de Cruzes de Santo André, isto é, em forma de X.

O meio da face principal d'alguns sarcophagos é occupado pelo monogramma de Christo, que d'este modo preenche o logar do Salvador. Os pavões aos lados do monogramma são os emblemas dos Apostolos, e as pombas, bicando os cachos de uvas, symbolisam os fieis alimentando-se do vinho eucharístico. A maior parte dos sarcophagos eram de pedra ou de marmore; no entanto alguns havia de chumbo e até mesmo de gesso.

Os *sarcophagos do IV século* tinham todos a mesma largura e a mesma altura nas extremidades; do V século, apparecem muitos tendo o lado da cabeça mais largo que o dos pés.

As *campas sepulchraes* são em geral indicio de uma sepultura subterranea. O seu uso é muito remoto. As lages tumulares, assentes sobre os tumulos subterraneos ou nos nichos ao longo das paredes, eram já empregadas no V século, sendo muitas vezes esculpidas em relevo, e tambem algumas ornadas com desenhos só a traço. Por vezes ajustavam na parede, onde existia qualquer sepultura, uma placa de marmore ou de pedra, sobre a

qual se gravavam symbolos, o nome do defuncto, a sua idade, ou tambem o dia do seu fallecimento.

Os *tumulos* dos cemiterios primitivos podem-se dividir em tres classes, segundo os objectos que n'elles se encontram. A primeira classe comprehende aquelles em que, além do esqueleto, se não encontra mais objecto algum, a não ser ás vezes uma pequena faca: estes tumulos são os dos servos ou pessoas de condição servil. Nos tumulos da segunda classe, o esqueleto é acompanhado do grande alfange de ferro, chamado *scramasaxe*: são estes os dos homens livres ou senhores feudaes. O homem livre gosava do privilegio de trazer á cintura este instrumento, que com elle era tambem depositado no tumulo. A terceira classe era constituída ordinariamente por um certo numero de tumulos ricos em coisas de toda a especie, principalmente em armas e objectos de toilette feminina: são esses os tumulos dos chefes militares, dos guerreiros e membros da sua familia.

O homem de guerra era sepultado com todo o seu equipamento, e ao lado depositava-se a sua esposa, adornada com todas as joias que tinha usado durante a vida.

As fivelas (*fibules*), que se encontram em tão grande numero n'essas sepulturas tinham duas serventias.

As maiores serviam para fechar o boldrié de coiro onde se suspendia o *scramasaxe*. Quasi todas são de ferro, sendo algumas marchetadas de prata ou revestidas de lamina de prata, com lavores representando folhagens ou figuras. Encontram-se algumas de bronze, e são as mais bellas.

Ha tambem umas fivelas de bronze e de menores dimensões, que serviam para ligar o vestuario á roda dos rins, para individuos dos dois sexos. Estas fivelas eram em geral menos lavradas que as do cinturão. Algumas havia tambem de ferro.

Os alamares, broches ou *fibulas*, destinadas a unir sobre os hombros ou sobre o peito as duas extremidades do vestuario, são sem duvida os objectos mais interessantes que se encontram nas sepulturas dos cemiterios. Ha-os de ouro, de prata, de bronze, e encontram-se sobretudo nos tumulos de mulher.

Encontram-se tambem frequentemente nos tumulos de mulher, pregos para segurar o cabello, com cabeças de aperfeiçoado trabalho. Ha-os de ouro, de prata e de bronze, com grandes comprimentos.

Os brincos das orelhas são em geral, assim como os pregos para o cabello, pequenas obras primas de ourivesaria. Compõem-se quasi sempre de um anel de grande diametro, ao qual está ligado um pequeno botão de ouro cheio de filigranas e de vidrilhos embutidos. Os *collares* que frequentemente se encontram nas sepulturas de mulher, compõem-

se de contas, de fôrmas e dimensões differentes, enfiadas n'um cordel. As contas são de vidro e de loiça de diversas côres, e de coral natural ou arredondado; tem-se tambem encontrado, mas raras vezes, contas de ouro massiço. As de vidro e de loiça são, em geral, pintadas com differentes camadas de côres juxtapostas, que adherem pela cozedura, representando zig-zags, e outras muitas figuras estriadas. As côres que predominam, são o vermelho, o amarello, o verde, o pardo, o azul, o branco e o preto.

As *vasilhas de barro* constituem o complemento obrigado de todos os tumulos antigos. Encontram-se, quasi sempre, uma ou duas aos pés do esqueleto. Parece que estas vasilhas serviam aos pagãos para conterem agua lustral. Em seguida á sua crença na verdadeira fé, os convertidos ao Christianismo continuaram a encerrar vasilhas nos tumulos, porém mudaram a significação d'esta cerimonia funebre, substituindo a agua lustral pela agua benta.

A maior parte d'estas vasilhas são de barro preto e vermelho. Muitas apresentam a fôrma d'uma pequena urna, tendo na parte superior do bojo ornatos de estylo muito rudimentar, feitos em volta e por meio da ponta d'um instrumento cortante.

As *vasilhas de vidro*, de fôrmas elegantes e variadas, que se encontram nas sepulturas junto á cabeça ou aos pés do esqueleto, mostram que a arte de vidraceiro já tinha attingido um elevado gráu de perfeito. O maior numero são de vidro, d'um amarello esverdeado, soprado ou moldado; algumas tem como ornato riscas delgadas, brancas ou de côr, feitas depois da sopragem ou misturadas com a massa vitrea.

A introdução do Christianismo entre os Francos data do fim do seculo v. Não é por isso para admirar o encontrarmos nos seus tumulos objectos ornados com symbolos christãos.

O *calice* occupa o primeiro lugar entre os vasos sagrados. Já os Apostolos se serviam de calices para a celebração dos Santos Mysteries.

Nos primeiros seculos da egreja, os calices eram de madeira, de vidro e até mesmo de chifre.

Depois da conversão de Constantino, é que se começou a generalisar o uso dos calices de ouro e de prata. Muitas vezes eram tambem ornados de pedrarias.

Existem calices de differentes especies. Os calices ordinarios, que se compõem, como os de todas as idades posteriores, de uma taça, um nó e um pé, tinham, em geral, a taça de fôrma cylindrica, mais ou menos vasada, muito estreita e profunda. Os calices da segunda especie eram os calices ministeriaes, que serviam para distribuir aos fiéis o precioso sangue, quando estava em uso a com-

munhão de duas especies na Igreja. Este uso foi abolido no xiii seculo. Os calices ministeriaes, em geral, de grandes proporções, tinham duas azas.

Havia ainda os calices das offerendas, *calices offerentium*, nos quaes os diaconos recebiam as oblações de vinho; os calices baptismaes, que serviam para dar aos novos baptisados uma mistura de leite e de mel; e os calices de adorno, que nos dias solemnes eram suspensos na igreja, nas proximidades do altar, ou collocados sobre a credencia.

A *patena*, assim chamada do verbo latino *patere*, *estar aberto*, em consequencia da sua fôrma larga e pouco profunda, é um prato de metal, de vidro, ou de qualquer outra substancia, no qual se colloca a Hostia, durante a santa Missa. O seu uso é tão remoto como o do calice.

As patenas eram redondas, quadradas ou polygonaes e munidas d'um rebórdo.

O uso de reservar a Santa Eucharistia para os doentes e ausentes, provém desde a origem do Christianismo.

Pouco depois, quando os *altares* foram augmentados com o *ciborió*, suspendiam a reserva Eucharistica encerrada em vasos com a fôrma de torres e pombas. Os vasos para as Sagradas Párculas tinham primitivamente a fôrma de uma pomba. Quasi todos eram de ouro, de prata e de cobre dourado. A pomba Eucharistica encerrava-se geralmente em um Tabernaculo com fôrma de torre.

Durante o periodo *Latino-bysantino*, os corpos dos Santos eram cuidadosamente encerrados em sarcophagos, e depositados em cima d'um altar ou n'uma crypta subterranea.

O relicario para o Santo Lenho tem quasi sempre a fôrma de pequenas Cruzes peitoraes, concavas interiormente, e abrindo-se em toda a sua altura, por meio d'uma dobradiça collocada no vertice superior da Cruz.

As *chaves da confissão de S. Pedro* são assim chamadas, porque se diz, que serviam para dar ingresso no tumulo do-principe dos Apostolos, na crypta da basilica Vaticana. As chaves são grossas, ovaes, ôcas e de lances rendilhados.

Os Soberanos Pontifices dos primeiros seculos tinham por uso distribuir aos reis, aos principes e aos bispos, parcelas das cadeias de S. Pedro, dentro de aneis, cruzes, e principalmente em preciosas chaves.

Desde o iv seculo que começaram a importar de Jerusalem os oleos provenientes das lampadas que ardião de noite e de dia no Santo Sepulchro, e em outros logares Santos.

Os Papas e os Bispos enviavam estes oleos ás

igrejas, aos soberanos e ás pessoas de distincção. Eram conservados e remetidos em pequenos vasos de vidro ou de metal, circulares, e achatados, com gargallo

Durante os primeiros seculos, a Mesa do altar estava inteiramente livre e a descoberto, e só se punha em cima o pão, o vinho e os Vasos Sagrados necessarios para o Santo Sacrificio.

Os *Crucifixos* e os castiçoes eram desconhecidos durante os primeiros seculos. N'essa época apenas algumas vezes se via uma cruz ao lado direito do altar.

Corôas de altar, geralmente de metal precioso e ornadas de pedrarias engastadas, constituiram, durante todo o periodo latino, o mais rico accessorio do altar.

As mais notaveis corôas de altar, que foram descobertas em 1858 e 1860, em Toledo (Hespanha), são em numero de onze, todas de ouro e cravejadas de pedras.

Algumas vezes, principalmente a partir do ix seculo, deu-se o nome de *regnum* ás corôas votivas dos altares, para as distinguir das de illuminar. Tambem ás vezes se penduravam cruzes proximo dos altares.

As luzes que se empregavam com profusão, durante os Officios Divinos, eram collocadas proximo dos altares, quer sobre uma mesa, quer sobre candelabros, ou ainda mais vezes sobre lustres, em fôrma de corôa, suspensos no côro, no Sanctuario e até mesmo no meio da igreja.

Os *diptycos* são de época muito remota. Ao principio eram formados de duas pequenas taboas de madeira ou de marfim, dobrando-se uma sobre a outra, e cuja parte interior continha uma camada de cera, sobre a qual se escrevia. Estas taboas eram rodeadas com uns fios de linho, sobre os quaes se deitava cêra que se imprimia com um sinete. Serviam assim para as missivas secretas.

Desde a sua origem que a Igreja Christã teve diptycos. Eram *tabellas* ou catalogos, sobre os quaes se inscreviam certos nomes que deviam ser lembrados e lidos, pelo menos em parte, nas reuniões sagradas dos fieis.

Podemos pois, conforme a origem, distinguir duas especies de diptycos sagrados: os diptycos consulares adaptados á liturgia, e os diptycos puramente ecclesiasticos.

Os diptycos puramente ecclesiasticos eram de marfim ou de metal. Tinham nas faces exteriores esculpidos ou cinzelados a imagem de Christo e a da Santa Virgem, ou assumptos tirados da historia do Velho e Novo Testamentos, e outros symbolos christãos.

Quando a leitura dos diptycos começou a deixar de se usar nos officios sagrados, transforma-

ram-se as taboas esculpidas ou cinzeladas, em capas para livros liturgicos.

Desde o tempo de S. Jeronymo que começaram a ornamentar, o mais ricamente possível, o livro dos Evangelhos; notava-se esta riqueza tanto no exterior como no interior do volume.

Muitas vezes o texto sagrado era escripto com letras de ouro sobre membranas côr de purpura.

Exteriormente os livros dos Evangelhos eram ornados com todo o esmero; nas capas abundavam o ouro, a prata, os vidrilhos, as pedrarias e as perolas, e durante muito tempo, foi costume encerral-os em estojos ou cofres, *capsae*, ricamente trabalhados.

As capas dos Evangelharios podem-se dividir em duas classes: as de laminas metallicas e as de marfim.

Entre as primeiras, umas eram simples, sem figuras e até mesmo desprovidas de toda a ornamentação, outras cravejadas de pedras e esculpidas em relevo, representando assumptos religiosos.

Os assumptos das capas dos Evangelharios de marfim e de metal não differem dos que têm as dos diptycos. São symbolos ou scenas extrahidas do Novo Testamento e principalmente da vida e da paixão de Nosso Senhor.

Estofos preciosos. Durante os primeiros seculos da era christã, os fatos ordinarios eram de tela, ou, na maior parte das vezes, de lã. Depois da conversão de Constantino, o uso dos tecidos de seda para as vestes liturgicas generalizou-se bastante, a ponto tal, que o Soberano Pontifice S. Silvestre, contemporaneo d'este imperador, foi obrigado a abolir o nas roupas brancas de altar chamadas *corporeaes*.

Além dos tecidos unidos, ha outros ornados com figuras ordinariamente multicolores, obtidas umas pela applicação de variegadas côres depois da tecedura, outras durante a tecedura, por meio de certas combinações dos fios da cadeia e da trama.

Durante o periodo Latino, o fabrico textil da seda era completamente desconhecido na Europa meridional e occidental. Provinham da Asia, do Egypto, da Grecia e de Constantinopla, os tecidos de seda. É por este motivo que muitas vezes se chamavam *estofos transmarinos*, e mais tarde tambem, estofos dos Sarracenos, porque os arabes mahometanos forneciam para o Occidente uma grande quantidade.

Os estofos mais antigos não raras vezes eram decorados com medalhões circulares ou ovaes, no genero de *Maestricht*, obtidos ou pela tecedura, ou por bordados applicados posteriormente.

A ornamentação dos tecidos, que vinham do Oriente e sobretudo da Persia, consistia em assum-

ptos em que predominavam o reino animal e o vegetal, e até por vezes na propria mythologia d'este ultimo paiz. Em vão procuraríamos o symbolismo christão n'estas representações tão variadas. Apenas ali se encontra o producto da imaginação dos artistas orientaes, que confeccionaram esses tecidos.

Os symbolos e os assumptos christãos só excepcionalmente apparecem sobre alguns productos das fabricas gregas ou bysantinas, e isso mesmo em uma época relativamente recente; consistem em pequenas Cruzes Gregas da Trindade, inscriptas em circulos, animaes symbolicos, taes como o leão e o pavão, e raramente um personagem isolado. As scenas historicas do Velho e Novo Testamentos não começaram a representar-se sobre os estofos senão durante o VIII seculo.

Desde o meiado do IV seculo, que a igreja começou a servir-se d'este meio, para representar, sobre os tecidos empregados nas ceremonias sagradas, assumptos religiosos extrahidos do Velho e do Novo Testamentos, ou da historia dos Santos.

O ouro, a seda e as perolas abundavam em todos estes bordados, que consistiam muitas vezes em medalhões circulares ou ovaes e que applicavam sobre tecidos preciosos, para lhes imprimir um caracter religioso.

Desde o VI seculo que a arte de bordar foi, na Europa occidental, a principal occupação das mulheres nobres, e no seculo seguinte, esta arte elevou-se a um tal grau de prosperidade, nas Ilhas Britannicas, que durante toda a idade media não deixou de florescer.

Desde os primeiros seculos, que se ornavam com bordados de purpura, ou de qualquer outra côr brilhante, as vestes de lã branca dos padres e dos diaconos. Estes bordados foram mais tarde substituidos por brocados de seda. Serviam-se tambem dos pannos d'essa qualidade, para armação das basilicas e nas egrejas.

Estes ricos pannos tinham ainda outro uso. Antes de serem collocadas nos ataúdes, as ossadas dos Santos eram rodeadas de pelles de camello e envolvidas em tecidos os mais ricos, de linho, seda e ouro. A maior parte dos estofos antigos que se conservaram até aos nossos dias, foram tirados de sepulturas de Santos.

Paramentos Sacerdotaes. A Igreja manteve escrupulosamente, para os ornamentos sagrados, as fórmãs adoptadas pelos primeiros christãos, emquanto que a fórmula e o talhe dos fatos profanos se modificaram insensivelmente.

(Continua).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 82

Todos os factos que nos possam recordar as gloriosas emprezas que alcançaram o dominio na India, e com as quaes conseguiram esforçados varões dar maior lustre á nação portugueza, hão de ser recebidos pelo publico com satisfação, pois que são merecidos e verdadeiros acontecimentos, que, por mais minimos que pareçam, serviram comtudo para despertar no nosso espirito o glorioso poderio que no seculo XVI tivemos e que causou a admiração das outras nações.

A photographia d'este numero apresenta um curioso objecto, que vem confirmar a nossa asserção: o collar de filigrana de ouro, que serviu de distinctivo do *Poder Real*, de que os vice-reis da India estavam revestidos, como representantes do soberano portuguez, pelo seu dominio na região oriental, sendo o insigne varão Vasco da Gama que primeiro mereceu este distinctivo.

O rei afortunado julgou necessario que os governadores da India apparecessem áquelles povos com fausto, como elles estão costumados a contemplar nos seus senhores; e n'este intuito determinou crear o vistoso collar, que indicasse ao vulgo a soberania que os vice-reis possuíam, afim de manter o respeito e admiração pela sua suprema auctoridade.

Compõe-se este historico collar de 34 contas d'ambar, envolvidas no tecido metalico, ficando espaçadas umas das outras por uma corrente brincada do mesmo feitio; no extremo superior pende um coração delicadamente rendilhado, sobre o qual ha uma coroa ornada por outras quatro contas da mesma materia acima mencionada; na extremidade do collar avulta uma medalha circular, com o diametro de 0,25 centímetros, estando suspensa por um laço, no qual uma elegante roseta orna o centro. Na face d'esta medalha acha-se representada em relevo, em fórma de retabulo, no meio, N. Senhora em pé orando, e aos seus pés duas figuras, de joelhos, estão rezando duas pessoas.

A volta d'este collar tem 1^m,14; o trabalho é delicadissimo, como requer a execução n'este genero, mas a composição é tambem de muito merecimento artistico.

Ha ainda uma circumstancia, que dá a esta reliquia archeologica uma subida estimação (podendo-se dar-lhe este nome) porque é a unica que consta existir, e tambem por ter pertencido a el-rei o senhor D. Fernando: faz parte do seu riquissimo espolio artistico, sendo tambem um dos raros objectos a que dava muita estimação, pois tendo mandado fazer uma vitrine especial, depois que tive a fortuna de lhe fazer adquirir a celebre *argola d'ouro*, fez uma selecção dos objectos mais raros e

preciosos que lhe pertenciam, reunindo-os n'essa maquina em que figurava este collar, e estando no lugar de honra exposta a referida argola. Augmenta ainda mais o apreço d'esta photographia, o ser a primeira que se reproduziu da collecção original, que o senhor D. Fernando mandou photographar em triplicado para offerecer um exemplar á rainha da Grã-Bretanha, de todos os seus objectos de ouro e prata feitos em Portugal. D'estas photographias pode eu alcançar uma collecção para o museu archeologico da nossa Associação: por tanto, tudo concorre para dar maior merecimento a esta recordação historica e á estampa que pertence ao numero d'este *Boletim*.

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Ultimamente, á chegada a Lisboa de S. M. o Imperador D. Pedro II, o nosso digno presidente foi cumprimentar o augusto viajante, sendo recebido com a extrema anabilidade, que sempre tem dispensado ao sr. Possidonio da Silva.

A primeira cousa que o Imperador lhe perguntou, foi se a collecção do museu do Carmo tinha augmentado, e que publicações havia feito depois da sua ultima visita a Portugal.

Disse lhe mais: «Agora não tenho tempo para visitar o museu, mas no meu regresso não me esquecerei de o ir vêr.»

«Quero que conheça meu neto D. Pedro Cobourg, elle tambem se applica á archeologia.»

Mandou-o chamar, apresentou-o ao principe com lisongeiras expressões, recebendo os seus cumprimentos por ter a honra de o conhecer, e significando-lhe o prazer de saber que S. A. se dedicava aos estudos archeologicos. Pela affirmativa que manifestou, o nosso presidente, com o zelo que nós todos lhe conhecemos pelo esplendor da nossa Associação, tomou a liberdade de convidar o principe para Socio Honorario do nosso Instituto. Do melhor grado aceitou o convite.

O Imperador preveniu o sr. Possidonio da Silva de que, quando regressar a Lisboa, tencionava com o seu neto, fazer uma investigação archeologica no paiz, para a qual já o convidava a acompanhal-os.

Despediu-se o nosso presidente das pessoas reaes, dando-lhe o Imperador as maiores demonstrações de estima e mesmo de consideração, que sensibilisaram bastante o ancião archeologo.

O Ministro da Guerra, sr. Visconde de S. Januario, offereceu, para o archivo da nossa Real Associação, duas excellentes cartas geo-hydraphicas das ilhas Desertas do archipelago da Madeira. Vinham acompanhadas do seguinte officio:

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tendo sido recentemente publicada a carta geo-hydraphica das ilhas Desertas do archipelago da Madeira, por conta d'este ministerio e do da marinha; incumbe-me s. ex.^a o ministro da guerra, de enviar a v. ex.^a dois exemplares da referida carta, dos quaes um é destinado a v. ex.^a e o outro ao archivo da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes.

Deus guarde a v. ex.^a — Secretaria de estado dos



Distintivo dos Vice-Reis da India

negocios da guerra, em 19 de agosto de 1887. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. presidente da assembléa geral da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — O director geral *Cactano Pereira Sanchez de Castro*.

Mais um novo testemunho de quanto anhela o illustre Ministro o sr. Visconde de S. Januario, que a nossa Associação possui obras de subido interesse, e sobre tudo trabalhos executados com tanto primor pelos engenheiros nacionaes. A nossa gratidão não data d'este anno; já ha muito temos confessado a s. ex.^a quanto somos reconhecidos e penhorados pelas repetidas ofertas de valiosissimos exemplares scientificos e archeologicos com que tem enriquecido as collecções do nosso museu.

Alcançou o nosso presidente, do acreditado commerciante o sr. Pillaud, estabelecido na Ribeira Velha e proprietario de parte da antiga muralha da cidade, do tempo d'el-rei D. Fernando I, um antigo brazão de marmore que estava assente n'essa muralha, para o museu da nossa Associação. Esta offerta não sómente nos convence da generosidade d'este honrado cidadão, mas tambem do desejo de contribuir para a conservação das antiguidades, exemplo este digno dos maiores louvores e da nossa gratidão.

A veneranda e nobre viuva do celebre archeologo Monsieur Arcisse De Caumont, falleceu em Caen no mez de agosto ultimo, depois de prolongada molestia, sendo considerada uma grande perda para os archeologos francezes, pois havia acompanhado sempre o seu distincto esposo nas investigações scientificas, e creado depois uma medalha em *Vermeil*, de grande modulo, com a effigie de mr. De Caumont, em memoria do illustre fundador da *Associação Francaeza de archeologia para a conservação dos monumentos historicos*, sendo destinada para laurear os descobrimentos e publicações archeologicas, como foi conferida ao fundador da nossa Associação o sr. Possidónio da Silva, no anno de 1879. Aquelle triste acontecimento causou dolorosa consternação aos socios de tão benemerita Associação e a todos os admiradores da dedicada senhora, pela sua perseverante solicitude para o progresso da sciencia e pelo renome do seu adorado esposo.

Um outro brazão portuguez de memoravel facto historico, aquelle da mudança da Universidade de Coimbra para a capital em 1431, pertencente ao edificio em Lisboa, na rua das Escolas Geraes; foi tambem obtido pelo nosso presidente para augmentar a numerosa collecção de brazões que já possui o Museu do Carmo.

NOTICIARIO

Mais outro importantissimo descobrimento archeologico teve logar no Egypto.

Um arabe de Gournach encontrou um tumulo cheio de feretros amontoados em grande confusão, dando isso logar a que o sabio mr. Maspero descobrisse outros tumulos, parecendo ser um museu de antiguidades; porém os arabes haviam desenterrado dynastias completas, talvez as mais illustres que reinaram no Egypto, as 17.^a, 19.^a e 20.^a, que tinham livrado o paiz dos antigos conquistadores, os Pastores:

Soqnorunri e Ahmon I que fizera a conquista da Syria e da Ethiopia; Amenhotep I e Thotmés III, Sétí I, Ramsés II, enfim, o Sésostris dos gregos, o unico dos Pharaós cujo nome a posteridade conservou. Os illustres sacerdotes d'Amon, a quem a lei confiava a guarda das mumias reaes, haviam retirado as dos principes da 19.^a e 20.^a dynastias Ramsés I, Sétí I, Ramsés II, Ramsés III, dos tumulos magnificos que occupavam em Bab e Molouk, para as salvar dos ladrões, transportando-as primeiramente para uns annexos do tumulo de Amenhotep I, onde o maior numero dos membros da 18.^a dynastia estavam reunidos. Quando a raça dos illustres sacerdotes de Amon se extinguiu pela sua vez, um filho de Sheshonq I, Onapout, transferiu as mumias reaes para o tumulo onde descansavam as ultimas gerações da familia sacerdotal: padres e reis repousavam a pár durante quasi trinta seculos!

Ao primeiro Pharaó tiraram-se as faxas, para as substituir por outras novas e mesmo com o fim de se verificar se seria o conquistador Ramsés II, sendo o preferido para essa necessaria reparação; depois se praticou o mesmo com Sétí I e Soqnorunri; em seguida Ahmés I e os illustres sacerdotes de Amon; tendo sido preciso um mez todo, para despir todos estes Pharaós, medil-os e descrevel-os, e tambem para lhes mudar os fatos.

Damos, conforme as informações de mr. Maspero, alguns detalhes sobre a apparencia exterior dos corpos d'estes soberanos, que tem o semblante risonho, quasi alegre, parecendo estarem contentes da sua situação.

Homens e mulheres são de grande estatura, bem constituídos. O busto largo, vigoroso, as pernas nervosas e magras, os pés compridos e bastante arqueados, as mãos delicadas, os braços compridos, os musculos do hombro e pescoço muitissimo desenvolvidos. A cabeça é pequena em relação do corpo, sendo sobre o comprido por diante e detraz, estreita no logar das fontes, grossa na parte inferior. O nariz comprido e afilado, os olhos pequenos e approximados, a boca grande e bem ornada de dentes, o cabelo farto, espesso, encaracolado nos homens e ondeado nas mulheres que não o usavam entrançado em pequenas tranças ligadas, como trazem as actuaes nubianas.

Thotmés III tem o rosto esmagado inteiramente, e as suas feições apparecem desconcertadas, como se fossem vistas atravez de um véo. Os outros tem o nariz achatado pela pressão das faxas; mas este accidente obsta pouco a mostrar a expressão da sua physionomia.

Ahmés I apresenta aspecto severo e de arrogancia; Thotmés II tem uma apparencia de timidez e astucia; as rainhas com fealdade, mas com ar resignado. O estudo minucioso dos corpos deu logar a que se determinasse quasi a idade de cada individuo. Thotmés II teria 26 a 30 annos quando falleceu; Soqnorunri, uns 40 annos; a princeza Ahmos, quanto muito, 30 annos. Notou-se em Thotmés II que tinha ainda estigmas de molestia de pelle. E' cousa para se notar com extraordinaria surpresa, que depois de tão grande numero de annos, se conseguisse conhecer o aspecto d'esses remotos soberanos, que uma casualidade fez descobrir.

Uma colossal composição será pintada pelos mais festejados artistas francezes, Stevens e Gervex, que

abrange o periodo de cem annos passados e comprehende 1:800 personagens celebres na politica, artes, industria, sciencia, exercito, etc. Estará exposta na exposição de 1889 em Paris.

Varios sabios francezes procedem actualmente á analyse da agua do oceano. Esta agua, conforme assevera mr. Tuld, não encerra menos de *dois milhões de toneladas* de prata.

O museu de guerra de Washington acaba de receber um objecto singular: é um collar composto de dedos humanos.

O capitão Burke, que se occupa especialmente do estudo das antiguidades indianas, crê que este collar deveria pertencer a um principal sacerdote.

N'um convento de Philipopoli descobriu-se um fragmento inedito da philosophia de Aristoteles, escripto em 180 folhas de pergaminho.

Museu industrial e commercial do Porto. — Está aberto todos os dias, excepto ás segundas feiras, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde; aos domingos abre

às 11 horas da manhã. A entrada é gratuita, subindo-se pela escadaria do Museu, na rua do Palacio de Crystal.

A nação franceza não se esquece de immortalisar os feitos dos varões que illustraram em todos os tempos o seu nome. Isso não é sómente para os menos remotos acontecimentos historicos, como acabam de demonstrar erigindo uma estatua ao afamado guerreiro *Dumnacus*, chefe gaulez, levantada no centro do paiz dos Andécans, o qual defendeu a invasão de Julio Cesar ha dois mil annos! Este monumento tem cinco metros e meio de altura, e o heroe está representado calcando aos seus pés a aguia romana, com um escudo na mão esquerda, e a *Fraemea* (arma dos antigos gaulezes) na mão direita.

Estes testemunhos publicos de reconhecimento nacional são do maior patriotismo que um povo illustrado pôde patentear, pois se os nossos predecesores não tivessem velado pela independencia da nossa terra, e alcançado fama pelo seu heroismo, nenhuma gloria resultaria para a nação, e a sua historia seria sem nenhum interesse para a posteridade.

NECROLOGIA

Sendo tão natural desaparecer do mundo um ente, quando a natureza lhe marca a hora derradeira não obstante sempre se experimenta um doloroso sentimento pelo obito d'um de nossos semelhantes; porém muito mais penoso é soffrermos esse golpe, quando se trata de um cavalheiro dotado de grande merito, saber e talento. É sob a impressão de tão triste acontecimento, que deploramos o fallecimento do nosso distinctissimo socio honorario o conde senador João Gozzadini, que teve logar em Bolonha no dia 6 de Outubro ultimo. Se pelo seu nobre nascimento, descendente dos antigos reis da Grecia, pelo qual recebia a consideração devida á sua elevada jerarchia, não menos jus tinha em receber da nobreza nacional e dos homens mais cultos de todos os paizes, a veneração mais distincta pelas suas superiores qualidades e intelligencia. Foi portanto, para o seu paiz como para a sciencia, uma grande perda, assim como veiu causar aos seus collegas e admiradores a mais profunda magoa o seu passamento!

Deve a Italia a este esclarecido archeologo descobrimentos de summa importancia, e publicações archeologicas de notavel merecimento. Havia elle obtido pelas suas assiduas e eruditas investigações, que a celebre Necropole étrusca de Marzaboto se descobrisse em Bolonha; foi igualmente á sua iniciativa que o congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica se reuniu n'essa cidade no anno de 1872, cuja presidencia o actual rei de Italia lhe cedeu como preito aos seus merecimentos scientificos. Não menos admiradas foram as suas communicações ácerca da primitiva capital Etrusca Felsina, onde debaixo dos alicerces de uma moderna igreja se achavam importantes vestigios das primeiras construcções d'esse remoto povo, no solo da Toscana. Não foi sómente da sua Nação que recebeu as maiores distincções; os paizes estrangeiros o agraciaram com as suas mais honorificas Ordens, e era socio correspondente do Instituto de França. O illustrado Governo Italiano lhe deu a direcção do museu civico archeologico de Bolonha, porque reconhecia quanto era digno d'esse cargo, sendo todos esses assignalados serviços e subidas distincções testemunhos publicos, que conservarão a memoria do seu venerando nome, o qual deu fama á sua nação e realçou ainda mais o nome da sua illustre descendencia.

Desejariamos poder tecer um mais desenvolvido panegyrico d'este estimado amigo e nosso consocio; porém outro socio mais habilitado fará o seu elogio historico, quando fôr inaugurado o seu retrato na nossa Real Associação, afim de se commemorarem os seus distinctos merecimentos e de se conservar a sua memoria. O devido tributo de admiração, e o sentimento da nossa affectuosa dedicação, dictam estas expressões, deplorando tambem o fatal acontecimento que roubou á sciencia e aos seus collegas estrangeiros um dos mais abalisados archeologos, servindo esta demonstração de sentida magoa pelo seu chorado passamento, como tambem para cumprirmos um dever pelo logar que occupamos n'esta Real Associação, expressarmos em seu nome o sentimento que soffreu pela sua perda e igualmente prestarmos a devida homenagem ao nome de um socio tão distincto e venerando.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.